

PRODUÇÃO ACADÊMICA MEDIADA PELA INTERNET: usos e práticas em discursos e percepções de professores e alunos do ensino superior¹

Reia Silvia Rios Magalhães e Silva²

Resumo

O texto, na perspectiva da midiaticização, tece reflexões empíricas preliminares sobre os discursos e as percepções que os sujeitos educacionais participantes de grupos e núcleos de pesquisa do curso de Serviço Social da Universidade Federal do Piauí – UFPI mantêm com o foco central da nossa pesquisa de Doutorado que tem como objetivo central, apreender e analisar como ocorre a inscrição dos sujeitos educacionais em processos midiáticos, ou seja, nossa intenção é refletir sobre usos e contextos, por meio dos discursos, para inferir sobre as práticas. As tecnologias associadas aos recursos midiáticos, mais especificamente a Internet com suas novas ferramentas, vêm interferindo na prática docente, afetando o ambiente institucional, práticas e concepções sobre ensinar, aprender, construir e disseminar o conhecimento. Novas alternativas de ensino, de pesquisa, surgem juntamente com as inovações tecnológicas fazendo circular os diversos produtos da comunicação, no espaço não midiático da educação. Como, portanto, os sujeitos educacionais estão reagindo as essas inovações midiáticas? Qual o lugar da mídia no espaço educacional? - De que modo usam e se apropriam da Internet na produção acadêmica e nas relações comunicacionais? Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada e da técnica do questionário semiaberto e nossas reflexões serão tecidas em dupla direção: uma para o contexto e outra para os usos: Justificamos esse duplo direcionamento a partir da tradição de uma perspectiva sócia antropológica que valoriza os contextos relacionados aos usos para pensar a problemática. Ou seja, os contextos demarcam lugares dos produtores, lugares dos receptores em relação. Isto vale para a comunicação e vale para a produção do

¹ Trabalho apresentado ao Colóquio 'Semiótica das Mídias', durante a realização do terceiro Pentálogo do CISECO, de 17 a 21 de setembro de 2012, em João Pessoa/PB.

² Professora Assistente da Universidade Federal do Piauí. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Comunicação da UNISINOS/ Turma Especial Interinstitucional (DINTER) – UNISINOS/UFPI. Rua Dr. Arnaldo Neiva, 4931 - Novo Jockey, CEP: 64055375– Teresina- PI /reiaros@hotmail.com.

conhecimento. Tencionamos, pois, apreender como os sujeitos agem neste ambiente, investigando como se caracterizam e como ocorre em caso concreto, metodologicamente viáveis, os modos efetivos de usos e contexto, considerando os conflitos, as tensões e os paradoxos, mas, ao mesmo tempo, atentando para a construção de novas formas de práticas interacionais. Nessa primeira aproximação à realidade foi possível inferir que com o aparato comunicacional de hoje o ensino e a pesquisa ganham novo suporte. Entretanto, docentes e discentes precisam estar abertos para incorporar essa nova realidade, integrando harmoniosamente essas técnicas às atividades de ensinar, de aprender e produzir conhecimento.

Palavras-chave: Processos Midiáticos. Internet. Práticas. Usos/Interações

ACADEMIC PRODUCTION MEDIATED BY INTERNET: uses and practices in discourses and perceptions of teachers and students in higher education

Abstract

The text, in view of mediatization, weaves empirical preliminary reflections on discourses and perceptions that subjects participating educational groups and research centers in the course of Social Service of the Federal University of Piauí - UFPI maintain with the central focus of our research Doctoral which has as its central objective, seize and analyze how is the enrollment of subjects in educational media processes, ie, our intention is to reflect on the uses and contexts, through speeches, to infer about the practices. The technologies associated with media resources, specifically the Internet with its new tools, have interfered in teaching practice, affecting the institutional environment, practices and conceptions about teaching, learning, build and disseminate knowledge. New approaches to teaching, research, come up with technological innovations by circulating the various communication products, in space no media education. How, therefore, subjects are reacting to these educational innovations media? What is the place of the media in education space? - How and appropriate use of the Internet for academic research and communication in relationships? Data were collected through semi-structured interview and questionnaire technique of semi-open and our reflections will be woven in two directions: one for the

background and another for the uses: We justify this double direction from the tradition of an anthropological perspective partner that values contexts related to think of uses for the problem. That is, the contexts of producers demarcate places, places of receptors compared. This applies to communication and goes for the production of knowledge. We intend, therefore, to learn how subjects act in this environment, and investigating how are characterized as in this case, methodologically feasible, effective modes of usage and context, considering the conflicts, tensions and paradoxes, but at the same time, paying attention to the construction of new forms of interactional practices. In this first approximation to reality was possible to infer that the communication apparatus today teaching and research gain new support. However, teachers and students need to be open to incorporate this new reality, harmoniously integrating these techniques to the activities of teaching, learning and producing knowledge.

Keywords: Media processes. Internet. Practices. Uses / Interactions

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Na perspectiva da midiatização, trabalhando a temática em laboratório de pesquisa, estamos voltados para uma relação de sujeitos educacionais que possuem simultaneamente determinadas técnicas de trabalho, que são técnicas de pesquisa, rotinas de pesquisa. Nesse ponto, devemos ressaltar que se cruzam duas processualidades que estamos investigando, uma processualidade que é de produção e consumo de conhecimento, com a produção e recepção em termos comunicacionais, que se cruzam no mesmo objeto. A literatura da área fala sobre isso, apontando questões, problemas, tensões. Decerto, com algumas resoluções já definidas na própria literatura, mas também apontando para algumas dificuldades e lacunas a partir das quais pretendemos desenvolver nossas reflexões.

Estamos trabalhando com base nos discursos que estão na cabeça dos teóricos e sobre os discursos que estão na mente dos sujeitos que estão fazendo pesquisa. Isto é, tentamos pegar essa tensão não só na literatura como também nas práticas concretas de pesquisa, na construção dos conhecimentos que eles estão em processo nos seus núcleos e grupos de pesquisa. Para empreender a análise e interpretação dos dados empíricos, lançamos mão, para fins deste artigo, das perspectivas de diferentes autores,

como por exemplo, Braga (2006, 2007), Fausto Neto (2006), Ferreira (2010), Sodré (2002, 2006) – bem como a autores estrangeiros, tais como o teórico francês, Pierre Lévy (2000), que coloca as técnicas como central na construção do social e o também francês Bernard Miège (2009) que, optando por uma abordagem decididamente comunicacional, se coloca contra ao tecnodeterminismo da técnica e da tecnologia em relação às práticas e aos usos.

2 A MUDIATIZAÇÃO DA SOCIEDADE E O LUGAR DA INTERNET NO ESPAÇO EDUCACIONAL: tendências contemporâneas

As tecnologias, de modo especial, a Internet, atingiram na atualidade um reconhecido e instigante processo de midiáticação das relações sociais. Os processos midiáticos vêm lançando continuamente, ao longo do tempo, desafios no contexto da sociedade e com eles vêm surgindo, a partir da literatura pertinente, um novo elenco de conceitos ligados à polêmica e incitante temática.

Não pretendemos aqui buscar uma definição clara e precisa de todos os diversos conceitos relacionados aos processos midiáticos. Porém, não podemos deixar de ressaltar que, falar hoje, em processos midiáticos implica buscar conceitos, dentre outros, de mídia, midiáticação, mediação, práticas sociais, interação, circulação, dispositivos, sociedade técnica, sociedade em processo de midiáticação.

Os recursos midiáticos não são mais meros dispositivos técnicos socialmente produzidos pelo mercado capitalista, mas mantém-se acoplados a um fluxo comunicacional, uma canalização estendida que pode converter o código produtivo em “ambiência” existencial (SODRÉ, 2002). E a maioria dos nossos estímulos vem deste fluxo, por isso é que o autor (op. cit.) concebe a mídia não apenas um mero refletor daquilo que acontece nos outros domínios da sociedade, mas um campo que condiciona o que reflete, implicando uma nova forma de relacionamento social, uma nova forma dos sujeitos de viver a vida e de se colocarem no espaço do mundo contemporâneo.

Somos conduzidos através da mídia - como bem diz Sodré (2006) - para um novo ambiente, um novo bios midiático uma tecnomediação - prótese tecnológica, onde passamos a planejar e alterar nossas atividades, tomando por base parcialmente às imagens e informações veiculadas na mídia. A sociedade contemporânea está mergulhada, portanto, em um ambiente intensamente midiaticado, que direcionado pelas

novas tecnologias, amplia a visão centralizada, unidirecional e vertical da comunicação, transcendendo a dimensão instrumental. Quer dizer, esse ambiente midiático, valendo-se de tecnologia, de dispositivos e de linguagens, numa perspectiva muito mais abrangente, suscita um fluxo continuamente comunicacional que vigoriza essa nova ambiência.

A relação entre os sujeitos e a mídia se torna, assim, cada vez mais próxima e mais intrincada. O arranjo discursivo midiático produz novos produtos, abrindo possibilidades para a criação de novos espaços. Não somos mais uma sociedade dos meios, mas os meios se deslocam do local onde estão para afetar outros campos, outras práticas sociais. Suas operações permeiam, portanto, toda a sociedade e, por isso, falamos em sociedade em vias de midiatização.

Essa sociedade em vias de midiatização é, conforme Fausto Neto, “aquela que se caracteriza pela existência intensa e crescente de tecnologias convertidas em meios no âmbito de processos produtivos e receptivos de mensagens que estruturam uma nova arquitetura comunicacional na qual estão situados na mesma ambiência ou no mesmo entorno produtores e receptores de discursos”³.

Os estudos sobre a midiatização estão assim, como o próprio fenômeno, em processualidade. Conforme o Fausto Neto o conceito de midiatização, embora nomeado, é ainda pouco problematizado na literatura da comunicação midiática. Nas suas palavras: “o conceito de midiatização se encontra em formação, reunindo os resquícios dos ‘conhecimentos fundadores’ das teorias da comunicação midiática” (2006, p. 2).

Miège (2009) define as mídias como dispositivos sócios técnicos e sócios simbólicos, baseados de forma cada vez mais sobre um conjunto de técnicas e não mais como antes, numa única técnica, permitindo emitir e receber programas de informação de cultura, de divertimento com regularidade no quadro de uma economia de “mercado duplo”, cuja instalação é realizada sob a responsabilidade de organizações com especificidades bem marcadas.

No dizer de Silverstone (2002), a mídia deixou de ser um apêndice da vida contemporânea, e passou a fazer parte dela. O autor nos alerta para a importância de se estudar essa mídia, considerando os principais aspectos que caracterizam sua onipresença e complexidade, sua dimensão cultural, social, política e econômica.

³ Notas em sala de aula, Teresina, DINTER, em: 02/08/2010.

Devemos, segundo Silverstone, “pensar a mídia como um processo, um processo de mediação que implica o movimento de significado de um texto para outro, de um discurso para outro, de um evento para outro” (op. cit., p. 33). O autor afirma ainda que precisamos:

Compreender esse processo de mediação, compreender como surgem os significados, onde e com que consequências. Precisamos ser capazes de identificar os momentos em que o processo parece falhar em que é distorcido pela tecnologia ou de propósito. Precisamos compreender sua política: sua vulnerabilidade ao exercício do poder; sua dependência do trabalho de instituições e de indivíduos; e seu próprio poder de persuadir e de reclamar atenção e resposta (SILVERSTONE, 2002, p. 43).

Desse modo, Silverstone, tal como Miège e outros autores, se põe contra as determinações técnicas, deixando claro aspecto da mídia muito além da sua compreensão ferramental, do seu aparato tecnológico, indo para um campo de compreensão, no seu dizer, “do que a mídia faz, e o que fazemos com ela”. Isso comprova o caráter dinâmico da mediação e torna evidente a interação entre os sujeitos produtores e receptores dos conteúdos midiáticos. Podemos dizer, portanto, que a circulação é relacional, à medida que torna possível a mediação entre produção e recepção midiática.

Braga (2006), acreditando que o encaixe dos processos midiáticos não se esgota nesses dois sistemas reconhecidos pela a teoria da comunicação – produção e recepção, propõe, outro – o “sistema crítico-interpretativo”. A partir deste terceiro sistema denominado por Braga também como “sistema de interação social sobre a mídia” ou “sistema de resposta social”, seria possível ampliar a visão sobre os diversos acontecimentos sociais, abrigando as respostas que os sujeitos desenvolvem após receber o que foi produzido. Quer dizer, aquilo que se conversa sobre o que se consome gera interações e a partir dessas interações é desenvolvido o pensamento crítico sobre o que a mídia veicula. Atenta, porém, o autor para a distinção necessária entre o subsistema de interação social sobre a mídia com o que é habitualmente chamado de “circulação midiática”.

Devemos então distinguir: o que a mídia veicula (que se caracteriza, na verdade, como sistema de produção) e o que, tendo sido veiculado pela mídia, *depois* circula na sociedade. Estamos tratando dessa segunda ordem de processos, a não ser confundida com a primeira. Neste tipo de circulação que nos interessa é que vamos encontrar o que a sociedade *faz* com sua mídia: é, portanto, *uma resposta* (BRAGA, 2006, p. 28-29 - grifos do autor).

As ideias empreendidas por Braga são, portanto, no mínimo, capazes de nos dar condições de manter uma relação mais aperfeiçoada com os meios de comunicação, sinalizando caminhos que levam a uma visão ampliada dos acontecimentos sociais, gerando, assim, novos conhecimentos e preparando os sujeitos para a leitura crítica, ou seja, para a leitura subliminar das mensagens que as tecnologias veiculam. A crítica, como bem define o autor (2006), é uma atividade mediadora entre o produto, o trabalho de produção e o usuário.

Braga (2007), embora reconhecendo a importância e a centralidade da mídia na construção do objeto comunicacional contemporâneo, afirma que os objetos dos estudos da comunicação se definem - de maneira mais abrangente - como 'processos de interação social'. Para o autor, a palavra *mediatização* está relacionada à 'pelo menos dois âmbitos sociais': um em que são tratados processos sociais específicos que passam a se desenvolver inteira ou parcialmente, segundo as lógicas da mídia e em outro âmbito, em um nível macro, trata-se da 'mediatização da própria sociedade'. A *mediatização* é compreendida pelo autor, portanto, como processo interacional em curso acelerado, mas não totalmente concluído. Quer dizer, o autor assume o processo já estabelecido, em ritmo avançado, porém, ainda em andamento. Apresenta lacunas, impondo, portanto, grandes desafios à sociedade.

Nesse movimento, os meios deixam de ser suportes técnicos e emergem na sociedade de forma rápida e contínua como processualidade interacional de referência. Mas, nos termos do autor - ainda que a *mediatização* se encontre nesse percurso, devido a sua incompletude e os riscos de deformação da realidade que implicam seus processos - ela não pode ser considerada hegemônica. Na mesma perspectiva é que Fausto Neto afirma que a *mediatização* é algo maior do que as concepções instrumentais, atribuídas

às questões midiáticas, segundo escolas ou correntes de investigação sobre as mídias.
No dizer do autor:

A emergência deste conceito de mediatização é se formalizar também no próprio desenvolvimento de uma modalidade prática de comunicação que impõe aos campos de conhecimento de demandas de leituras e de interpretações que superariam, por assim dizer, certos ‘protocolos clássicos’ (2006, p. 3).

Ferreira (2010) desenvolve o conceito de mediatização articulado a partir de três polos em relação de mútua determinação, formando, na sua visão, uma matriz de mediatização. “Nessa matriz primária, não só cada um dos polos condiciona o outro, como cada um pode interceder nas relações entre os dois” (2010, p, 67). Significa dizer que na compreensão do autor, que os processos de comunicação intercedem sobre as relações entre os dispositivos e processos sociais; os dispositivos sobre as relações entre os processos e a comunicação; etc. Nessa visão triádica, cada um desses processos vai intercedendo um nos outros, tornando assim, as relações entre processos sociais e processos de comunicação cada vez mais interseccionadas pelos processos acionados sobre os dispositivos midiáticos.

O fenômeno da mediatização da sociedade, defendido por diversos autores, trouxe, sem dúvida, novos métodos e novos instrumentais de aprendizagens. Para Pierre Lévy (2000), especialista e responsável pela introdução da Internet nas práticas educacionais - ainda que não aborde o tema pelo ponto de vista comunicacional – num abordagem tecnodeterminista, acredita que a Internet “trata-se, provavelmente, da maior revolução na história da escrita desde a invenção da imprensa”.

Já Miège, tomando um posicionamento a favor da crítica a esse tecnodeterminismo, acredita que assim com os demais processos apontados na sua obra, o processo de mediatização está no centro das questões quando não as concentram todas nele. Na sua percepção, olhando bem de perto, são nele que são depositadas esperanças e receio, escatologias e promessas utópicas. Nas palavras do autor:

O processo de midiaticização da comunicação não pode ser desconectado do funcionamento e da administração do social; e o fato deve ser destacado, pois a tentação está sempre presente para separar o comunicacional do social, e o desenvolvimento das técnicas foi a oportunidade para dar um novo fôlego às teorias (cibernéticas, sistemas, linguísticas, “filosóficas” ou midiológicas) que, cada uma por sua conta, têm por objetivo principal separar do comunicacional (MIÈGE, 2009, p. 92).

A midiaticização, embora ainda seja um conceito em construção, podemos inferir a partir das concepções dos diversos estudiosos do tema que ela é algo que transcende as tecnologias, afetando mentalidade, modos de ser, de viver e, conseqüentemente, de construir práticas sociais. Através da midiaticização crescente na sociedade, mudanças, cada vez mais velozes repercutem na postura dos sujeitos. O Sujeito é o “ator- social – o narrador – que se torna em uma nova espécie de intérprete, um operador de indicialidades e de conexões” (FAUSTO NETO, 2006, p. 5).

As tecnologias de informação e comunicação, de modo especial a Internet vêm a cada dia gerando mais e mais expectativas nos diversos campos sociais. No espaço educacional essas transformações tecnológicas reúne um conjunto de elementos facilitadores do processo de ensinar, aprender, pesquisar, enfim, produzir conhecimentos. A Internet com suas inúmeras possibilidades já está incorporada ao cotidiano das instituições de ensino. Entretanto, muito ainda precisa ser esclarecido e examinado, uma vez que as concepções sobre o assunto, de certa forma, ainda apresentam controversas. Alguns estudiosos da área se posicionam contra, outros, a favor a cerca das contribuições da Internet como ferramenta educacional.

Os usos das tecnologias e das mídias interativas, entretanto, vão se alastrando progressivamente por todos os campos e, da mesma forma de todos os outros, o campo educacional vem sendo atingido e marcado por grandes alterações no ambiente educacional. Todo sujeito, participante do espaço pedagógico, em relação com a Internet está situado dentro dum contexto mais amplo de uma sociedade em midiaticização. Pensar o conhecimento hoje nesse mundo virtual, eis uma das grandes questões no que se refere à Internet na área da educação. O impacto das novas tecnologias nos obriga a repensar o lugar da escola e o nosso próprio lugar como sujeito educacional habitante dessa sociedade em processos acelerado de midiaticização. Isso, porque muitos são os fatores que podemos destacar como diretamente relacionados à

mídia na área da educação, entretanto, um não pode deixar de ser mencionado: o seu papel na formação da cidadania. É nessa perspectiva que no andamento do processo educativo a presença dos meios de comunicação se torna imprescindível.

A midiática da educação tem como principal desafio não somente adaptar as instituições de ensino ao atual contexto das tecnologias, mas, sobretudo transformá-las num espaço inclusivo, onde todos possam sem nenhuma distinção ter igualdade de acesso às configurações midiáticas veiculadas via Internet. Só num espaço assim, rico, potente, fecundo é possível formar efetivamente cidadãos do mundo, contribuindo para que os sujeitos, de forma consciente e crítica, se tornem efetivamente envolvidos, capazes de alcançar o mais alto nível de integração na sociedade.

No entanto, isso só poderá ocorrer se o uso da Internet for orientado por uma filosofia de ação movida pela busca de uma formação continuada, voltada para a atualização constante do conhecimento. Uma formação realmente apta à valorização da pessoa humana e a sua habilitação para participar ativamente de um mundo complexo e em constante mutação.

3 CONTEXTO INSTITUCIONAL, USOS EFETIVOS E PRÁTICAS DE INTERAÇÕES NA PRODUÇÃO ACADÊMICA MEDIADA PELA INTERNET: discursos e percepções de docentes e discentes da educação superior

Indagados sobre o nível de satisfação/insatisfação sobre o contexto institucional das tecnologias para a construção de conhecimento na produção acadêmica - ou seja, condições concretas dos núcleos e grupos ligados ao curso de Serviço Social da UFPI, nossos pesquisados foram unânimes ao atribuir precárias condições de funcionamento desses espaços de estudo e pesquisa:

A realidade local, as condições concretas dos núcleos e grupos de pesquisa do Departamento de Serviço Social- DSS é uma realidade de carência de condições gerais de trabalho. A UFPI não estimula, com recursos próprios e outras providências, a prática da pesquisa e, especialmente, da extensão. Há uma compreensão reducionista do que seja ensino superior, que a reduz ao aprendizado técnico. Os núcleos funcionam a partir do esforço dos professores e alunos, muitas vezes sem sequer dispor do básico, que é o espaço físico. Ademais, o clima do ambiente de trabalho é a cada dia mais tenso

e desumanizado, tendo em vista a precarização das relações de trabalho e a perseguição política ostensivamente instituída (PROFESSORA D).

Quanto ao núcleo que participo é bem estruturado, tem computadores disponíveis, acesso a internet. Bom, é verdade que seria melhor que tivesse mais. Nós, alunos bolsistas, temos material bibliográfico disponível, além de uma efetiva orientação dos docentes. Só peca quanto ao espaço físico, que teve que ser improvisado na própria sala do docente orientador. Alguns núcleos desse departamento possui sede própria mais são poucos. Acho que poderia ser criado um espaço físico adequado no CCHL para instalação desses núcleos, favorecendo assim a excelência em pesquisa neste centro (ALUNO B).

Todos os participantes dos núcleos e grupos de pesquisa investigados reconhecem as condições precárias do contexto que eles se inserem e, alguns, lançam sugestões para que haja efetivas mudanças nessa realidade:

Creio que na UFPI, sim, tem faltado condições concretas para avançar no sentido do uso das tecnologias para a produção da pesquisa, O que temos é exatamente uma realidade marcada pela deficiência de salas de estudo, laboratórios, condições financeiras dos alunos para acessarem equipamentos, etc. Portanto é preciso que a instituição se preocupe mais em disponibilizar o espaço físico de modo a tornar possível a ambientação dos alunos envolvidos, contratar servidores, contar com um mínimo de recursos financeiros da instituição, apoio à realização de eventos, à participação de pesquisadores em eventos científicos, bem dotação de como material geral de expediente (PROFESSORA D).

Acho que deveríamos contar aqui com computadores mais modernos, notebooks, por exemplo, condicionadores de ar melhores, mesas e cadeiras mais confortáveis, data show, impressoras mais modernas, enfim, material de consumo, tipo papel, tinta para a impressora, CDs. Deveria ainda existir um pouco mais de autonomia ou mesmo de especificidade em relação ao Comitê de ética de pesquisa (PROFESSORA F).

As falas transcritas acima, representativas da realidade local, são bem semelhantes. Mudando basicamente o tom. Professores mais alterados e críticos, com tom de denúncia, outros moderados e reflexivos, modelares do próprio fenômeno da sociedade em vias de midiatização, voltando a Fausto Neto (2006), uma sociedade “que se caracteriza pela existência intensa e crescente de tecnologias convertidas em meios no âmbito de processos produtivos e receptivos de mensagens que estruturam uma nova arquitetura comunicacional na qual estão situados na mesma ambiência ou no mesmo entorno produtores e receptores de discursos”. Portanto uma sociedade que comporta conflito, tensões, paradoxos, ambiguidades, elementos presentes nos processos midiáticos, compartilhado nas concepções de diversos autores aqui tomados como base de análise.

Com o propósito de verificar os modos de usos/interações mediados pela Internet na produção acadêmica, solicitamos aos nossos sujeitos que falassem das suas motivações para o uso ou o não uso da Internet. A resposta positiva de uso da Internet para a produção acadêmica foi unânime no grupo de alunos. Quanto às professoras, duas confessaram que não costumam utilizar a Internet para realizar seus trabalhos. As justificativas das duas são as mesmas: escassez de computadores no espaço acadêmico e falta de confiança nas informações veiculadas na rede.

Nossos recursos aqui dentro são poucos, portanto, para a minhas produções acadêmicas eu ainda prefiro usar um bom livro. A Internet traz muitas informações, mas acho tudo muito superficial. Na realidade, tenho certo receio e desconfiança nas informações veiculadas. Quase nunca faço uso dessas ferramentas modernas, pois sei que existem informações de todos os tipos (PROFESSORA E).

Há no DSS e nos núcleos escassez de computadores. O uso da Internet para a produção dos nossos trabalhos de pesquisa é ainda um desafio no cotidiano dos núcleos e grupos de pesquisa. Além de dificuldades ao acesso aqui dentro, eu, particularmente, tenho ainda receios nas informações via Internet (PROFESSORA B).

A falta de confiança na Internet foi fato comum nos discursos dos investigados, tanto por parte do grupo de docentes como, para nossa surpresa, por parte do grupo de

discente. Mesmo na fala daqueles que dizem fazer uso intenso da Internet, verificamos que existe por parte desses sujeitos falta de confiança absoluta nas informações que a Internet veicula. Afinal, juntamente com esse intenso e crescente avanço tecnológico, vem à crise da confiança nas informações que a Internet veicula. As redes fluidas de comunicação tecnológicas proporcionam informações diversificadas de forma rápida e contínua, suscitando novas alternativas novas possibilidade também para o mundo acadêmico. Entretanto, estas mesmas vantagens são responsáveis pelo aumento das dificuldades para comportarem processos confiáveis na Internet por parte dos sujeitos.

Quanto à intensidade de uso, 85% dos nossos respondentes destacaram que usam muito, 10% que usam pouco e, apenas, 5% sustentam que nunca usam a Internet para produzir seus trabalhos. Interessante notar que mesmos estes que se dizem pouco ou não usuário da Internet para a produção de trabalhos científicos, acabam por se contradizerem, ao longo da investigação, quando declaram que fazem uso da Internet para acessar outras ferramentas comunicacionais ou outras formas de comunicação.

Sim, uso a Internet. Hoje em dia para um professor dizer que não usa Internet é um absurdo. Costumo usar para mandar e-mails, me comunicar. Mando E-mails com informações e material para os alunos e colegas. Peço meus alunos que eles pesquisem sobre temas, trabalhos. A importância está no fato de que até para uma colocação em estágio e no mundo do trabalho, propriamente dito, é uma exigência usar essa ferramenta. Imagine, hoje, um discente sair de uma universidade sem saber lidar minimamente com a internet, seria até visto como um ser pré-histórico, fora do tempo, suponho (PROFESSORA E).

Quando indagados sobre usos efetivos, em sentido restrito, ou seja, de que forma utilizam a Internet na produção acadêmica do seu núcleo ou grupo de pesquisa, assim, alguns dos sujeitos, se manifestam:

Uso bastante a Internet na produção dos trabalhos desenvolvidos aqui no nosso núcleo. A Internet me orienta para a busca de materiais bibliográficos, uso muito o Google para localizar informações atuais sobre o tema que estamos trabalhando, bem como para atualidades em geral. Uso também para me comunicar com os outros

participantes do núcleo, tanto com a coordenadora, como com os colegas. Afinal, a gente está sempre precisando perguntar alguma coisa, trocar informações (ALUNA D).

Para pesquisar sobre o tema dos trabalhos que nós desenvolvemos no núcleo eu vou direto para o Google. Sei que temos várias ferramentas de consulta para pesquisa na Internet, mas uso mais o Google pela facilidade e rapidez de informações. Agora uso também a Internet para trocar e-mails com a coordenadora, com os colegas. Mas a gente não tem assim um blog ou algo semelhante com as informações sobre a pesquisa desenvolvida no núcleo (ALUNA F).

Ficou nítido nessas falas que o Google é o site mais utilizado por docentes e discentes participantes dos núcleos e grupos de pesquisa do curso de Serviço Social da UFPI. Sabemos que esse é também o site mais utilizado pela grande maioria dos indivíduos do mundo todo, não só por sujeitos educacionais, empenhados na tarefa de construir conhecimentos para a produção acadêmica. Mas sabemos também, que o simples uso do Google não garante a capacidade de abstração e de reflexão dos sujeitos – qualidades imprescindíveis ao pensamento crítico e ao processo produção e recepção midiática.

Quanto às habilidades necessárias para produzir seus trabalhos com a utilização correta dos recursos disponíveis na Internet, 50% das professoras dizem que se sentem mais ou menos habilitados, 45% consideram que têm muita habilidade e 5% acham que têm pouca habilidade. Já os alunos, 90% afirmam ter muita habilidade, contra apenas 10%, que consideram que são mais ou menos hábeis no manuseio da ferramenta.

Esses dados confirmam o que vimos na literatura: os alunos, sendo, geralmente, mais jovens do que os professores, nasceram na geração net, digital e, conseqüentemente, têm mais facilidade no uso e manuseio da Internet e de suas novas ferramentas. Não podemos, entretanto, afirmar que as professoras questionadas não estão atentas ao que não sabem e abertas ao novo. O trabalho realizado no campo educacional, como destacado anteriormente no marco teórico, vem tomando novos rumos cada vez mais amplos. Na atualidade, as chamadas “novas mídias” vêm provocando mudanças na prática docente, repercutindo na postura não só dos alunos como também de boa parte dos professores.

Obtivemos dados por parte do grupo discente que apontam para a desconstrução dos discursos do grupo docente. A maioria das professoras investigadas se diz usuária da Internet e afirma incentivar seus alunos. Os alunos, por outro lado, negam isso, sinalizando que a falta de habilidade para o manuseio, o receio das professoras em deixar para trás o que já dominam e o temor de encarar mudanças, quando já estão chegando ou passando dos cinquenta anos de idade. Isso na percepção dos alunos se caracteriza como empecilhos para alguns docentes, no que se refere à concretização de inovações teoricamente vislumbradas.

Mas, o interessante é que, mesmo aqueles que negam, rejeitam, desconfiam e se dizem não adeptos da Internet na construção de conhecimento, a maioria acaba por se contradizer, quando deixa escapar que usa a Internet para interações comunicacionais.

As tecnologias, de modo especial a Internet, são responsáveis pela melhoria do nosso trabalho docente e tem importância significativa nas interações entre a gente. Eu acho que a Internet impõe isso ao mundo e às vidas, estar ausente dessa realidade é deixar de partilhar algo central que acontece na contemporaneidade, além dos aspectos práticos e instrumentais de trabalho (PROFESSORA D).

Envio e-mail para os outros professores, mando material didático para os alunos, procuro manter contatos além da sala de aula, e, até através dos sites de conversação. De alguma forma os alunos se sentem mais próximos dos professores só em serem aceitos como amigos nesse tipo de site (PROFESSORA F).

Assim, no que se refere às novas características presentes nas relações comunicacionais induzidas pela Internet e também à percepção que os pesquisados mantêm acerca das interações que eles vêm tentando construir a partir da circulação dos seus conteúdos midiáticos, vimos também alunos que vê de forma negativa a possibilidade de interação mediada pelo computador, alegando que:

Embora a Internet faça com que você se comunique de qualquer lugar, de qualquer hora e distância, possibilita um contato com os professores, sem a necessidade da presença física. Isso é ruim, pois às vezes pode atrapalhar o contato físico. Acho

necessário tirar dúvidas pessoalmente. A Internet muitas vezes nos leva a deturpar de entendimento na explicação explicações e informações sobre o que precisamos saber do professor (ALUNO E).

Alguns professores, também numa perspectiva negativa, mencionam também a redução da sociabilidade, do contato face a face, nova forma de laconismo (redução de palavras, etc.), resistência em aceitar formas tradicionais de correspondências. Nesse sentido uma das professoras assim se manifesta:

A Internet vem produzindo nas relações comunicacionais um paradoxo, ao tempo que ela aproxima as pessoas uma das outras, ela também afasta (PROFESSORA G).

Entretanto a maioria dos professores e alunos até conseguem relacionar algumas características e apontam algumas práticas de interação que pode ser construída a partir desse processo. O que não eles não deixam claro é até que ponto percebem que suas práticas de aceitação e resistência fazem parte deste quadro.

A Internet está cada vez mais presente no cotidiano dos alunos e professores. E em muitos casos tem sido a forma mais geral de comunicação entre a gente e o mundo, sejam por e-mail, através de debate em comunidade, blogs, chats. Enfim, acredito na possibilidade de construirmos formas de interação, mas isso tem que ser de forma coletiva (ALUNA C).

Essas novas tecnologias vêm cada vez mais se tornando um espaço de interação entre as pessoas, com as redes sociais, além da grande quantidade de notícias vinculada via internet atualmente. Portanto, na comunicação atual o uso de Internet é imprescindível. Muitas práticas de comunicação podem ser construídas a partir desse processo. Podemos nos comunicar por meio de Chats, teleconferências, Facebook, MSN, e outras variadas formas de utilização das redes sociais. Mas a gente aqui dentro usa mais é o e-mail. Troco também informações com meus colegas e alunos através do Facebook (PROFESSORA A).

Tais discursos, nos faz reportar a literatura estudada. As mutações sóciotécnicas, não se dão somente pela assiduidade da Internet no contexto acadêmico, mas também pelas formas de interação presentes no cotidiano dos sujeitos pesquisados. Como vimos na teoria acionada, quando acontece a interação sobre os objetos tecnológicos eles deixam de ser meros instrumentais e passam a ocupar um lugar central, produzindo e fazendo funcionar uma nova forma de organização social. Temos, então, como afirmam os diversos autores da área, a passagem da sociedade dos meios para a sociedade em processo contínuo de midiatização.

O conceito de midiatização está permeado pelos seus múltiplos aspectos, por variadas dinâmicas, por diversos processos de mediação, compreendendo o conjunto de relações e intersecções em que os dispositivos midiáticos estão inseridos (FERREIRA, 2010). Não devemos pensar em meios, em técnicas isoladas, mas sim, em processos (BRAGA, 2007, FAUSTO NETO, 2006). “Precisamos compreender esse processo de mediação, compreender como surgem os significados, onde e com que consequências [...]” (SILVERSTONE, 2002, p. 43).

Lembramos com Miège (2009), da centralidade dos indivíduos nesse processo de midiatização da sociedade. Os indivíduos não são meros receptores, mas são também produtores. Portanto, é preciso se ter em mente que na construção de trabalhos acadêmicos a mídia não exerce uma influência persuasiva ilimitada sob os atores educacionais. Na verdade, na relação com a Internet os sujeitos devem se sentir desafiados e, ao mesmo tempo, confiantes nas suas contribuições e facilidades.

Para isso, torna-se importante que professores e alunos possuam conhecimento pedagógico, científico e conjuntamente técnico, não apenas para o manuseio das diversas ferramentas comunicacionais, mas, sobretudo, para assumir com competência o sentido histórico dos processos midiáticos, lutando por novas propostas de práticas autenticamente sociais, capazes de contribuir para a consolidação de novos padrões de comportamento no trato das interações construídas pela Internet.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No momento em que uma instituição de ensino se conecta a Internet, milhares de possibilidades se abrem diante dos sujeitos educacionais. Mas devemos lembrar que a tecnologia por si mesma não garante a produção de conhecimento, de comunicação

interativa e nem é capaz de fazer as mudanças ocorrerem automaticamente. Na realidade, os recursos tecnológicos apenas viabilizam informações que vão contribuir para o surgimento de uma nova forma dos professores e alunos desenvolver aptidões, competências e atitudes, características que a educação tradicional não conjeturava e que o mundo midiático de hoje impõe aos seus habitantes.

Os discursos e percepções coletados nessa pesquisa inicial sobre usos e contextos, já nos oferecem pistas, indícios que sinalizam a existência - ainda que tímidas - de tentativas de construção de interações por meio da Internet à medida que nossos sujeitos apontam, de uma maneira ou de outra, para algumas formas comunicacionais mediadas pela Internet no ambiente das tecnologias para a construção de conhecimento para a produção acadêmica dos seus núcleos e grupos de pesquisa.

Toda vez que aparece uma nova tecnologia gera expectativas na área educacional e, conseqüentemente, no que aqui propomos chamar de mediação da produção acadêmica dos sujeitos educacionais. A partir dos dados até o momento analisados, podemos inferir, portanto, que com o aparato comunicacional de hoje o ensino e a pesquisa ganham novo suporte. Entretanto, docentes e discentes precisam estar abertos para incorporar essa nova realidade, integrando harmoniosamente essas técnicas às atividades de ensinar, de aprender e produzir conhecimento. Urge, portanto, recorrer não apenas a habilidades técnicas, mas, principalmente, à competência, caracterizada pela versatilidade e conhecimentos científicos. Devemos reconhecer, com Miège (2009), a importância de se manter o máximo possível às ideias claras sobre as articulações presentes entre técnica e sociedade, pois ambas estão ligadas através de diversas mediações.

Afinal, a produção de trabalhos acadêmicos exige relacionamento, integração, contextualização. Exige que se saiba desvendar, aprofundar, penetrar na essência da realidade, indo além da superfície, do previsível, a partir de um processo rico de interação.

REFERÊNCIAS

- BRAGA, José Luiz. *A Sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática*. São Paulo: Paulus, 2006.
- _____. Midiatização como processo interacional de referência. In: *Livro da XV Compós: Imagem, visibilidade e cultura midiática*. Ana Silvia Lopes Davi Médola; Denize Correa Araújo; Fernanda Bruno (orgs). Porto Alegre: Sulinas, 2007.
- FAUSTO NETO, Antônio. *Midiatização: prática social, prática de sentido*. UNISINOS. PPGCC, 2006. (Texto Rascunho).
- _____. Disciplina “Processos Midiáticos” da Pós-Graduação em Ciência da Comunicação no Curso de Doutorado Interinstitucional-DINTER/UNISINOS/UFPI. Teresina: 2010 (notas em sala de aula).
- FERREIRA, Jairo. Dos objetos separados à circulação midiática como questão comunicacional. In: *Midiatização e processos sociais: aspectos metodológicos/ Antônio Fausto Neto... (et. al.) organizadores*. – Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010b.
- LÉVY, Pierre. *As novas tecnologias da inteligência*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- MIÈGE, BERNARD. *A sociedade tecida pela comunicação: técnicas da informação entre inovações e enraizamento social*. Tradução Florence Trazet. São Paulo: Paulus, 2009.
- SILVERSTONE, Roger. Mediação. In: *Porque estudar a mídia?* São Paulo: Loyola, 2002.
- SODRÉ, Muniz. O ethos midiatizado. In: *Antropológica do espelho. Por uma comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- _____. *Eticidade, campo comunicacional e midiatização*. In MORAES, Dênis (Org). *Sociedade midiatizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.